



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

NOVAS EPISTEMOLOGIAS DIGITAIS NA LINGUAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Évelyn Coelho Paini Webber³ UEMS/CG

Neide Araújo Castilho Teno⁴ UEMS/CG

Resumo: As transformações ocorridas na sociedade contemporânea estão diretamente relacionadas a influência da tecnologia, que cada vez mais está presente no cotidiano das pessoas. Frente a isso, nos questionamos até que ponto o professor de línguas está sendo preparado para refletir e lidar com essas novas epistemologias em sala de aula. Desse modo, este artigo tem como objetivo discutir acerca das transformações que a tecnologia trouxe para a linguagem e suas implicações em relação a formação de professores de línguas. Para discutir sobre tais assuntos este estudo está fundamentado em Monte Mór (2009); Paiva (2015); Maciel e Ono (2017); Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), dentre outros. As leituras ora realizadas proporcionaram entender a carência de pesquisas que discutem o papel do professor frente as transformações existentes na contemporaneidade. Foi possível compreender a preocupação dos educadores em leitura de documentos que o norteiem nesse processo tortuoso e a presença de contínua formação.

Palavras chave: Epistemologias digitais; Linguagem; Formação.

Abstract: The transformations occurring in contemporary society are directly related to the influence of technology, which is increasingly present in people's daily lives. Faced with this, we question the extent to which the language teacher is being prepared to reflect and deal with these new epistemologies in the classroom. Thus, this article aims to discuss the transformations that technology has brought to language and its implications in relation to the training of language teachers. To discuss such subjects, this study is based on Monte Mór (2009); Paiva (2015); Maciel and Ono (2017); Dudeney, Hockly and Pegrum (2016), among others. The readings that have been carried out have provided an understanding of the lack of research that discusses the role of the teacher in face of contemporary transformations. It was possible to understand the concern of the educators in reading documents that guide him in this tortuous process and the presence of continuous formation.

Key words: Digital epistemologies; Language; Formation.

Introdução

Pesquisadores já há algum tempo debatem sobre as transformações ocorridas no mundo e suas consequências para o ensino e aprendizagem bem como para a necessidade de se formar professores (e alunos) mais capacitados para agir no mundo atual. Dessa forma

³ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS – Campo Grande); Professora Colaboradora de Língua Inglesa na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS- Jardim). E-mail: evelynmestrado2018@gmail.com.

⁴ Doutora em Educação. Docente Sênior do Programa de Mestrado Profissional em Letras–PROFLETRAS, e do Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Dourados. /Campo Grande. Colaboradora do projeto de pesquisa “Apoio à Qualificação Docente: PROFLETRAS em Mato Grosso do Sul” financiado com recurso da FUNDECT. E-mail: cteno@uol.com.br

remetemos a uma citação de Kelly, cujo sentido é relevante para a discussão, “as máquinas dominam as comunicações no mundo moderno. O ambiente linguístico tem sido recriado artificialmente e o professor e o livro têm sido forçados a se integrar a esses novos meios de transmissão” (KELLY 1969 apud PAIVA, 2015, P.21). Essa afirmação que se faz tão atual nos leva a uma primeira reflexão acerca da relação do homem com a tecnologia, o que Paiva (2015, p.21) aponta como uma “relação dialética entre a adesão e a crítica ao novo”. Em meio a esse panorama está o sistema educacional que desde a invenção das primeiras tecnologias, como o livro, se viu pressionado a se adequar e agora na era da cibercultura, da informação rápida parece estar em uma fase de transição.

Com relação as novas epistemologias digitais, pode-se afirmar que tiveram início com a chegada da tecnologia dos computadores, mas só ganharam maior visibilidade devido à modernização dessas máquinas, que cabe destacar já chegaram a ocupar uma sala inteira, eram pesados com design pouco atraente, mas com o passar dos anos o tamanho e os custos foram reduzidos significativamente, assim seu uso pessoal e educacional se elevou, segundo Pennington (1996 apud PAIVA, 2015) a disseminação dos computadores e sua utilização na educação pode ser descritos em sete fases.

Na primeira fase, o computador estava restrito a cientistas e seu emprego se baseava em realizar cálculos matemáticos. Já na segunda, ele aparece em instituições de prestígio para atender alunos e professores. Posteriormente, ganha um público maior ao chegar as escolas públicas. Na quarta fase o computador se torna acessível a massa, principalmente entre a classe média. Na fase seguinte, os professores adotam o computador e passam a usá-lo cada vez mais em suas práticas pedagógicas. Em seguida, na fase seis as crianças ao terem acesso constante à tecnologia se tornam digitalmente letradas e criam condições para a última fase, em que se terá acesso universal as informações e as pessoas.

Atualmente a tecnologia já se faz tão presente no cotidiano do ser humano que a relação passou a ser de dependência, principalmente pelo uso da internet e de suas ferramentas. Verazsto (et al, 2008) afirma que a tecnologia é gerada por meio de novas exigências, e que apesar de muitas vezes ser interpretada como apenas o produto pronto não o é, pois engloba desde a sua criação até fatores socioculturais.

Em vista disso, existem algumas visões sobre a origem da tecnologia, uma delas consiste em crer que essa seria algo artificial feito pelo homem, no entanto, o referido autor

esclarece que o termo é muito mais abrangente, pois envolve não só a criação/fabricação de objetos, mas a habilidade em desenvolver tecnologias simbólicas, de representação, como a linguagem e a escrita. Além disso, a tecnologia engloba as capacidades, os conhecimentos do homem utilizados para desenvolvê-las (VERAZSTO et al, 2008).

Nesse sentido, Verazsto (et al 2008, p.77) ressalta que “temos que considerar que a tecnologia é concebida em função de novas demandas e exigências sociais e acaba modificando todo um conjunto de costumes e valores e, por fim, agrega-se à cultura”.

A tecnologia se altera a medida em que a sociedade evolui, juntamente com o que lhe é particular, todavia também a transforma, pois quanto mais se avança, o que era novo dá lugar para algo mais novo pois as prioridades mudam e a tecnologia acaba por se tornar algo fundamental. Nesse sentido, Lion (1997) complementa que “cada sociedade cria, recria, pensa, repensa, deseja e age sobre o mundo através da tecnologia e de outros sistemas simbólicos. A tecnologia é impensável sem admitir a relação entre homem e sociedade” (LION, 1997, apud VERAZSTO ET AL 2008, P. 77).

Luke (2000) contribui com a discussão explicitando que o conceito de tecnologia pode ser considerado em pelo menos três níveis: o primeiro se refere aos objetos físicos que não podem ser percebidos como algo inanimado, mas como parte da sociedade e das ações humanas. Já o segundo “se refere às atividades sociais que derivam de e formam o contexto social por meio das tecnologias particulares”⁵ (LUKE, 2000, apud VERAZSTO et al, 2008, P.73-74), um exemplo disso são as máquinas de lavar utilizadas em um contexto específico, e conforme a sua aparência determina a classe social de quem as usa. Por último, “na visão de Wajcman, tecnologia implica conhecimento conectado às atividades e relações sociais, e a objetos tecnológicos”⁶ (LUKE,2000, p.76), ou seja, a tecnologia está interligada com a interação humana por meio de objetos, como por exemplo, o uso de redes sociais para se comunicar.

Braga (2013) contribui com essa discussão ao afirmar que com os avanços tecnológicos e com as novas máquinas criadas e aperfeiçoadas por eles, como smartphones, notebooks, entre outros, a relação dos indivíduos com o mundo foram se transformando, por

⁵ Tradução própria. O original: [...] refers to the social activities that derive from and shape the social context around particular technologies.

⁶ Tradução própria. O original:[...] in Wajcman’s view, technologies imply knowledge connected to social activities and relations, and to technological objects.

exemplo, mudanças nos modos de produzir e ler textos, pois conforme acrescenta: “ em meios digitais, estamos todos imersos em enunciados multissemióticos e hipertextuais” (BRAGA,2013 apud MAYRINK; COSTA,2017, P.153).

Ainda segundo a autora essas mudanças são consequências de tecnologias que ao evoluírem foram introduzidas cada vez mais na vida dos indivíduos, tanto no dia a dia como na escola, e com a internet, isso pode ser ampliado pois a tecnologia trouxe novas possibilidades que também contribuem no contexto educacional.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir acerca das transformações que a tecnologia trouxe e suas implicações em relação a formação de professores de línguas. Para alcançar esse objetivo fundamentamos a discussão em Monte Mór (2009) e Cope e Kalantzis (2000) que tratam sobre as mudanças sociais e epistemológicas, Maciel e Ono (2017) e Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) que debatem sobre as novas epistemologias levando em consideração o digital na formação de professores.

Primeiramente apresentamos uma breve reflexão acerca das mudanças sociais ocorridas e em seguida discorremos a respeito das mudanças epistemológicas relacionado- as com a formação de professores de línguas.

Mudanças sociais e sua relação com a formação de professores de línguas

os autores que tratam sobre as mudanças sociais e sua relação direta com o papel do docente e com a linguagem, destacamos Monte Mór (2009). A autora afirma que nas últimas décadas as transformações sociais se tornaram mais visíveis e, portanto, inegáveis. Um exemplo disso são as propagandas que tinham as mulheres como protagonistas e público alvo, antes as representavam como donas de casa, sem um papel muito relevante na sociedade, com essa transformação passaram a retratá-las de forma distinta, inserindo-as dentro de outros setores da sociedade, como em cargos públicos.

Outro ponto apresentado pela pesquisadora representa a mudança ocorrida no papel do docente, que ela aponta ao refletir sobre a foto escolar, em que podemos ver os alunos todos uniformizados, limpos, de cabelos arrumados, sentados em ordem, em seguida, podemos ver a professora destacada pelo fato de estar sentada um pouco mais acima em relação aos alunos (ou conforme atualmente sentada bem em frente, com um papel de destaque), “sinalizando a

inevitável superioridade na posição de qualquer professor, que deveria ser visto como conhecedor, provedor, e responsável pelo controle e disciplina dos pupilos” (MONTE MÓR, 2009, P.178).

Ainda a respeito dessas mudanças Cope e Kalantzis (2000 apud MONTE MÓR, 2009, P.178) percebem-nas entrelaçadas em diferentes setores da sociedade, “no trabalho, no público e na vida pessoal dos cidadãos”. Com relação a mudança no setor do trabalho, os autores afirmam que passamos para a era do Capitalismo rápido ou do Pós Fordismo, isto é, os trabalhadores necessitam de mais habilidades do que só os exercícios repetitivos de apertar um parafuso de determinada peça, por exemplo, são requeridas múltiplas habilidades “trabalhadores que são flexíveis o suficiente para realizarem trabalhos complexos e integrados” (COPE E KALANTZIS 2000, P.11), em que o plano hierárquico passa a ser horizontal.

Já com relação à mudança na vida pública, os referidos pesquisadores trazem o termo cívico para a discussão. Ao alegarem que esse conceito tem sido interpretado por uma visão monolítica, única, relacionado dessa forma somente com a cidade. Monte Mór (2009, p. 179) adverte que “nessa perspectiva, os valores padrão enfraquecem as diferenças dialetais”, e acrescenta que antes de considerarmos essa perspectiva única prestemos atenção nos eventos e celebrações públicas e a adesão da comunidade, por exemplo, o desfile de 7 de setembro em relação à Parada Gay, a diferença de números de participantes é inegavelmente distinta.

Nessa mesma visão, Cope e Kalantzis acrescentam que a relação entre o público e privado está se tornando cada vez mais difícil de distinguir, influenciada principalmente pelas tecnologias de comunicação e informação, que trazem consigo a cultura global por meio de instrumentos presentes no dia a dia, por exemplo, vídeo games, brinquedos, comidas, “interferindo e reconstruindo crenças e cursos de vidas” (COPE E KALANTZIS apud MONTE MÓR, 2009, P.179)

Menezes (2009 apud ARAÚJO, LARRÉ, 2017, P.02) afirma que essas mudanças em consonância com os avanços tecnológicos influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem bem como na formação de professores, pois os aprendizes e professores tem uma gama variada de informações à sua disposição não se valendo somente do livro didático, cabe a eles escolher o que mais se adequa a sua necessidade, assim não estão mais limitados as “interações ocasionais com outros falantes”.

Mudanças epistemológicas e a formação do professor de línguas

Bakhtin (1997) já discutia sobre a existência de diversas esferas da atividade humana na utilização da linguagem, para ele o caráter e os modos de aplicação da linguagem são tão variados quanto as próprias esferas.

Assim, nessa nova sociedade onde a tecnologia traz transformações para a vida social, pessoal e profissional os modos de utilização da linguagem vão além dos descritos por Bakhtin (1997) para Rojo (2013) o texto contemporâneo multissemiótico, multimodal, que envolve diferentes linguagens, mídias e tecnologias insere alguns desafios para a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin.

Para entendermos esses desafios primeiramente cabe destacar que as mudanças ocorridas ao conceito de leitura, produção e circulação de textos na sociedade foi redesenhada, o que antes era entendido separadamente como leitor e autor Rojo (2013) chama de *lautor*, pois

O texto eletrônico altera as relações entre leitura e escrita, autor e leitor, altera os protocolos de leitura. Uma de suas particularidades é a de que leitura e escrita se elaboram ao mesmo tempo, numa mesma situação e num mesmo suporte, o que é nitidamente diverso da separação existente entre a produção do livro (autor, copista, editor, gráfico) e seu consumo pelo leitor nas eras do impresso ou do manuscrito. Isso porque, a internet, por sua estrutura hipertextual, articula espaços de informação a ferramentas de comunicação, propondo um conjunto de dispositivos interativos que dão lugar a novos escritos (BEAUDOUIN, 2002 APUD ROJO, 2013, P.20).

Assim, novos gêneros discursivos são criados, em que já não basta somente a leitura do texto escrito, como Bakhtin (1997) aponta com os enunciados escritos e orais, mas conforme Beaudouin (2002, apud ROJO, 2013) são necessários um conjunto de semioses ou signos para construir o significado.

Além disso, Rojo (2013, p.29) afirma que as esferas que se valem de diferentes mídias para que seus discursos circulem e cheguem ao seu público alvo também se valem de diferentes modos semióticos para alcançar seus objetivos, causando assim uma mudança nos gêneros, assim “as mídias e as tecnologias são escolhas, e de caso bem pensado, das esferas de circulação de discursos”.

Por fim, a autora conclui que se relacionarmos essas mudanças nos textos e nos modos de circulação dos discursos atualmente, não parece ter sido um grande desafio a teoria de Bakhtin (1997), desde que a teoria perceba as várias semioses existentes.

Isto posto, são inegáveis as mudanças contínuas e incessantes na sociedade atual influenciada principalmente pelas tecnologias digitais, essas nos proporcionam algumas problematizações, conforme Maciel e Ono (2017) afirmam a necessidade de repensarmos algumas concepções, dentre elas: o papel do professor, sua formação, as novas formas de construção do conhecimento e os objetivos da educação.

A partir disso, precisamos primeiramente refletir sobre os objetivos destinados à educação, que deve buscar a formação de indivíduos capazes de agir no mundo atual, conforme Castells (1999 apud SOUZA, 2015, P.115) “de formar produtores de conhecimento e não apenas consumidores”, visto que a sociedade não está estagnada.

Repensar a linguagem conforme preconiza Rojo (2009) trata de pensar em requerer novas habilidades, que não se limitam a escrita e leitura de textos linguísticos (tradicionais), mas também de outras semioses, como imagens, sons, cores presentes principalmente pelo contato frequente com a tecnologia e mídias digitais.

Schwarz, Lemke e Kellner (2004, apud SOUZA, 2015) destacam que com as novas tecnologias o aluno precisa ter habilidades diferentes, que vão muito além de ler e escrever, conforme Rojo (2009) considera como transpor a codificação e decodificação de frases ou textos, a essas novas habilidades ressaltam a relevância da teoria dos Novos Letramentos, assim incluiria os pontos destacados por Rojo (2009), além disso, propõem o desenvolvimento da parte crítica do aluno.

A esse respeito, pesquisadores acreditam que sempre nos valem de diferentes recursos para a construção do conhecimento, isto é, “sempre fomos multimodais”. Ao repensarmos o início da civilização antes da escrita, o homem reproduzia seu cotidiano por meio de pinturas nas paredes das cavernas, ao sentir um cheiro de perfume e lembrar alguma memória do passado a partir daquele cheiro, os gestos utilizados durante uma conversa, por exemplo, ao solicitar silêncio alguém coloca o dedo indicador em frete aos lábios. Esses exemplos ilustram as diferentes formas que utilizamos a linguagem (MACIEL, ONO, 2017, P.07).

No entanto, após a escrita, as diferentes formas de construção de sentidos sofreram uma estagnação, essa modalidade teve destaque e legitimação pela escola, que se baseia em uma perspectiva puramente grafocêntrica, isto é, toma o conhecimento como fixo, estável em que os sentidos todos estão dados no texto. Mas, conforme Maciel e Ono (2017) a cibercultura trouxe a perspectiva pós tipográfica coexistindo com a anterior.

Os referidos autores baseados em Duboc (2015) definem a sociedade em dois tipos a sociedade tipográfica e a sociedade pós tipográfica. A primeira afirma que os saberes são centralizados e concentrados, por exemplo, por meio das produções textuais tradicionais, como um texto escrito com início, meio e fim, ou seja, com uma linearidade. Segundo Maciel e Ono (2017) essa perspectiva segue uma visão de construção de conhecimento hierarquizado, linear e regrado. Já no que diz respeito a sociedade pós tipográfica, os saberes são distribuídos e compartilhados, a noção de autoria se transforma, principalmente pelo uso da internet (redes sociais).

Nessa mesma linha de pensamento, Monte Mór (2009) ressalta que a busca pelo conhecimento uniforme e estático deveria ser substituído pela diversidade pedagógica e possibilidades curriculares, isto é, ainda é muito difícil mesmo em uma era digital abandonar o ensino baseado em um método ou modelo.

Pesquisadores como Lankshear e Knobel (2003), Duboc (2015) ressaltam a necessidade de uma revisão na abordagem do que é entendido como conhecimento e aprendizagem visto que essas mudanças (sociais, epistemológicas) estão diretamente relacionadas com a nossa capacidade de digitalizar nossa vivência na sociedade. Assim, destacam a relevância do docente conhecer esses conceitos e ainda o que pode ser tomado como verdade, conceito entendido pelos autores como epistemologias digitais.

Para melhor esclarecer, os autores se valem de um quadro que evidencia as características de cada um, conforme veremos a seguir

Sociedade Tipográfica (LETRAMENTO CONVENCIONAL)	Sociedade pós- tipográfica (NOVOS LETRAMENTOS)
Centralização	Distribuição
Concentração	Compartilhamento



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

Autoria Individual	Autoria Colaborativa
Esfera Privada	Esfera Pública
Normatização	Experimentação

Fonte: Maciel, Ono (2017, p.08)

Essas evidências de Maciel e Ono (2017) apontam para a necessidade de repensarmos a formação docente dada a época em que a tecnologia prevalece em diferentes meios, a sociedade ainda mantém características tipográficas, principalmente na escola, conforme dito anteriormente.

Ao refletirmos sobre o papel docente nessa nova era, percebemos que as práticas escolares tradicionais não suprem toda a necessidade dos estudantes, nesse sentido, um dos desafios do professor é entender qual a forma de avaliar e conduzir as atividades em sala. Maciel e Ono (2017) acreditam que em uma sociedade pós- tipográfica essa visão tem de ser mais subjetiva, no entanto, baseada em critérios e objetivos estipulados pelo docente, pois por meio deles poderá possibilitar o desenvolvimento de habilidades como: “[...] remixar textos (incluindo as diversas modalidades textuais), ler criticamente as informações disponíveis na internet, construir gráficos e infográficos, estabelecer conexões entre as várias modalidades textuais”. Em outras palavras, nessa perspectiva, os assuntos são aprendidos/ensinados pela tentativa e erro, pela colaboração entre aluno e docente prezando sempre pela inclusão da tecnologia nas aulas (MACIEL, ONO, 2017, P.08).

Vale destacar que, o uso da tecnologia em sala de aula não deve ser inserido somente para continuar o que já estava sendo feito, por exemplo, expor um material no Datashow para os aprendizes lerem ou copiarem, mas que por meio dela possam adquirir novas formas de utilização da linguagem que estejam de acordo com a realidade.

Conforme os ensinamentos destes estudiosos podemos inferir, que a formação ainda pleiteia as duas perspectivas, assim, se tomarmos apenas uma como legítima estaremos nos distanciando da realidade. Portanto, no que diz respeito a formação docente Maciel e Ono (2017) defendem uma posição mais crítica que busque entender o mundo e as diferentes formas de uso da linguagem e de construção de conhecimento.

A esse respeito, parecemos estar em um processo complicado e que necessita de mais investigação e estudo, pois há um claro limiar entre a reprodução no processo de ensinar e no processo de ensino e aprendizagem há a necessidade do desenvolvimento da criatividade e crítica (MONTE MÓR, 2009).

Isso condiz com o pensamento de Rojo (2012) que destaca um ensino que considere a sociedade de forma híbrida, ou seja, que há diferentes padrões que existem ao mesmo tempo e influenciam diretamente na educação. Tendo isso em mente, a autora sugere trabalhar com as referências culturais dos alunos, com os gêneros, as linguagens que eles têm contato, para que dessa forma possa se alcançar um ensino mais crítico e democrático, que auxilie na expansão de seus conhecimentos culturais e discursivos.

Essa visão é corroborada por Sousa Santos (2006 apud MACIEL, ONO, 2017) quando o autor argumenta sobre romper os padrões canônicos pré-estabelecidos, validando também as outras formas de produção de conhecimento.

Essa afirmação pode ser reforçada por Lankshear e Knobel (2003, apud MONTE MÓR, 2009) quando explicam sobre a pertinência da inserção de novas práticas de diferentes contextos que incluem o uso da tecnologia, assim o professor precisaria adaptar suas aulas em relação à essas novas tecnologias, o que pode não conter modelos a serem seguidos, algo que a epistemologia da performance busca destacar, em outras palavras, a importância de saber como agir na falta de modelos ou exemplos, aqui reiteramos a profundidade do papel do docente perante esse tema.

Retomando o que fora dito anteriormente, há a necessidade de se desenvolver habilidades coerentes com o século XXI. Dessa maneira, Dudeney, Hockly e Pegrum (2016) acrescentam que estamos preparando alunos para um futuro incerto, que com a tecnologia muito possivelmente existirão novos postos de trabalho enquanto outros serão extintos. Assim, a necessidade de refletir sobre a formação dos professores se faz cada vez mais necessária ao considerarmos o desenvolvimento de sua habilidade em lidar com a tecnologia para que assim possa auxiliar seus alunos.

Ainda segundo os autores, o domínio dos letramentos digitais⁷ são necessários, não só para saber usar com eficiência a tecnologia, mas também “para localizar recursos, comunicar ideias e construir colaborações que ultrapassem os limites pessoais, sociais, econômicos, políticos e culturais” (DUDENEY, HOCKLY e PEGRUM, 2016, P.17).

Segundo Maryink e Costa (2017) apesar de os professores terem algumas vezes uma formação inicial que está distante do contexto tecnológico, eles têm buscado refletir sobre as novas formas de ensino e o uso da tecnologia em suas aulas. Essas autoras propõem uma abordagem crítico-reflexiva⁸ sobre a formação docente em relação a tecnologia, pois muitas vezes as ações que os professores realizam para o uso da tecnologia está mais voltada para a técnica e menos para a natureza reflexiva, ou seja, “sem um aprofundamento de discussões sobre a forma como as inovações tecnológicas requerem também mudanças de natureza metodológica” (MARYINK e COSTA, 2017, P.155).

Considerações Finais

As mudanças que a sociedade passa diariamente transformou e continuará transformando e nos moldando à medida que a tecnologia avança. Assim, a pesquisa e discussão sobre as novas formas de lidar com os recursos tecnológicos nas instituições de ensino e a formação de professores de línguas se faz relevante, pois somente ao refletirmos sobre essas questões poderemos almejar formar alunos e docentes preparados, ou com o mínimo de conhecimento para agir em um mundo tecnológico.

Assim, entendemos que o papel do docente ou do futuro professor carece de uma preocupação maior, apesar de já existirem documentos que o norteiem nesse processo tortuoso de contínua formação, há ainda muito a se avançar nesse campo.

Referências BIBLIOGRÁFICAS

⁷ O letramento digital é entendido sob a perspectiva de Dudeney, Hocky e Pegrum (2016, p.17) como “habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital”.

⁸ Na visão das autoras a formação crítico-reflexiva corresponde a transformação da ação e a transformação social e reflete diretamente na interpretação que o docente tem sobre si e sobre o mundo. (MARYINK e COSTA,2017)



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

ARAÚJO, Philipe; LARRÉ, Julia. Novas tecnologias e Novas epistemologias: os desafios contemporâneos na produção de materiais didáticos para o ensino de inglês. Congresso Nacional de práticas educativas: Anais, 2017. Disponível em: <http://editorarealize.com.br>. Acesso em: 03.jul.2018

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.158-398.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. (Eds.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000.

DUBOC, Ana Paula Martinez. **Avaliação da aprendizagem de línguas e os multiletramentos**. Est. Aval. Educ. São Paulo, v.26, n. 63, p.664-687, set./dez.2015

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos Digitais**. São Paulo: Parábola Editorial,2016.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New Literacies. Changing Knowlege and Classroom Learning**.Buckingham: Open University Press, 2003.

LUKE, Carmen. Cyber- Schooling and tecnhnological change. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. (Eds.). **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000. Cap.03.

MACIEL, Ruberval Franco; ONO, Fabrício. Desaprendendo para aprender: questionamentos sobre e para a formação docente. In: SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; MACIEL, Ruberval Franco; FORTILLI, Solange de Carvalho. (Orgs). **Formação Docente e ensino de Língua Portuguesa: resultados e perspectivas do/no profletras- região centro-oeste**. Sinop: Unemat,2017.



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

MARYINK, Mônica Ferreira; COSTA, Heloísa Albuquerque. Caminhos investigativos na articulação entre ensino de línguas e virtualidade: reflexões para a elaboração de programas de formação de professores. In: EL KADRI, Michele Salles; ORTENZI, Denise Ismenia Grassano; RAMOS, Samantha Gonçalves Mancini (Orgs.). **Tecnologias digitais no ensino de línguas e na formação de professores: reorganizando sistemas educacionais**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2017.

MONTE MÓR, Walkyria. **Foreign Languages Teaching, Education and the New Literacies Studies: Expanding Views**. New Challenges in Language and Literature: FALE/UFMG, 2009. P.177-189.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O uso da tecnologia no ensino de Línguas Estrangeiras. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco. (Orgs.). **Olhares sobre Tecnologias Digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente**. Campinas: Pontes Editores, 2015, Vol.44.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e Multiletramentos. In: ROJO, Roxane. **Escola Conectada os Multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOUZA, Marlene de Almeida Augusto. Objetivos dos cursos de Letras e a formação de professores de inglês. In: TAKAKI, Nara Hiroko; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2ª edição, 2015. P.115-131.



Edição 25 – Fevereiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/01/2020

VERASZTO, Estéfano, et al. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Revista Prisma**, n.7,2008. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/681/pdf>> Acesso em: 05.fev.2018.